

## A=D: O SIGNIFICANTE

*Samuel Lincoln Bezerra Lins\**  
*Flaviana Estrela Maroja\*\**

### **RESUMO:**

O conceito lacaniano do significante faz parte da interpretação na clínica psicanalítica. Para chegar a este termo, Lacan efetua uma releitura aos textos de Freud e a articula com a lingüística teorizada por Saussure. O significante é pré-existente ao sujeito, e o significado da fala do mesmo está diretamente relacionado à relação de oposição de um significante ao outro. A escuta analítica anela estabelecer uma relação entre os significantes que o sujeito faz, assim como o próprio efeito que dá a sua fala. Sendo assim, este artigo tem o objetivo de correlacionar o conceito do significante e de sua expressão através de filmes, da literatura e da lingüística, já que as muitas interações da psicanálise com outras ciências a torna mais interessante e compreensível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Significante. Literatura. Escuta psicanalítica.

---

\* Psicólogo, formado pela UFPB (PB). Contato: samuel.bezerra.lins@gmail.com.

\*\* Psicanalista. Atua principalmente nos seguintes temas: psicanálise com bebês, intervenção precoce na maternidade, prematuridade e clínica com crianças. Mestre em "Medicine scientifique, psychopathologie et psychanalyse" pela Université de Paris VII. Atualmente, é doutoranda da Université de Paris VII. Contato: flaviana\_estrela@hotmail.com.

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, "Histórias Vivas", uma imponente gravura. Representava ela uma jibóia que engolia uma fera. (...)

Dizia o livro: "As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão." Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. (...)

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo. Responderam-me: "Por que é que um chapéu faria medo?" Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante.

Antoine de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*.

Quantas vezes em nosso cotidiano escutamos e pronunciamos a seguinte sentença “não era isso que eu quis dizer”, ou, “você entendeu tudo errado”. Infelizmente, estas exortações não são ditas apenas em situações em que o assunto em questão era complicado e difícil de entender, e sim em momentos corriqueiros no qual algo tão simples e óbvio, obtive uma interpretação completamente diferente do proposto anteriormente.

Decompondo esta cena apresentada no parágrafo anterior, podemos identificar dois elementos: 1) O algo dito; e 2) O algo a ser compreendido. Tais elementos nos remetem a pensar nos conceitos de signo e significante utilizados pela lingüística, assumidos também na Psicanálise por Lacan, isto é, o real e o simbólico.

A questão do significante se remete a repetição: retorno regular de expressões, de seqüências fonéticas, de simples letras que escandem a vida do sujeito, prontas a mudar de sentido a cada vez que ocorrem, que insistem sem qualquer significação definida. (CHEMAMA, 1995 p. 199)

Quando lemos os conceitos e interpretações impressos no papel, nos parece algo muito instrumental e seco, como se fosse uma análise sintática de uma oração, em que selecionamos um discurso e logo vamos decompô-lo e atribuí-lo um significado, um sentido.

Ao falar de signo, nos remetemos a Ferdinand de Saussure (1857-1913) que alarga as fronteiras dos estudos lingüísticos do século XIX, com a semiologia, definida por ele Saussure, como a "ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social" (1916/1995, p. 24).

Saussure atribui ao signo uma dimensão psíquica. Para este autor o signo lingüístico não vincula somente uma palavra a uma coisa, e sim um conceito a uma imagem acústica. Esta imagem não é caracterizada pelo som puramente físico, mas pela impressão psíquica oriunda desse som. Saussure (Ibid., p. 81) complementa: "Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante." Dessa forma, o conceito consiste na representação mental de um determinado objeto ou da realidade social em que ele pertence e é situada, esta representação depende da concepção sócio-cultural que nos permeia desde o nascimento.

Lacan (1988), em seu *Seminário IX*, faz uma reformulação de sua teoria do significante. Ele diferencia, enfim, o significante do signo: enquanto um signo representa algo para alguém, um significante representa um sujeito para outro significante. Ele introduz o sujeito como qualidade representacional; ele é suposto saber da diferença que conduz de um significante a outro, fazendo o deslizamento da cadeia de significantes. A diferença entre estas condições de representação é fundamental, pois faz incidir a suposição de um sujeito.

Em uma das sessões com o paciente R.T. algo me chamou atenção, fora a quantidade de palavras que ele utilizava com fonemas semelhantes, eram elas: provar, aprovado, aprovação, provando, aprovar, etc. No desenrolar da sessão era notável que estas palavras formavam uma linha simbólica que perpassava diversos conteúdos verbalizados

naqueles minutos. Por exemplo, ele mencionava a necessidade de *aprovação* pela mãe, que a professora *aprovou* a saída dele da aula mais cedo para chegar no horário marcado da sessão, que ele precisava *provar* ao irmão que ele era capaz.

Chemama (1999, p. 199) traz mais uma parte de sua definição de significante que traduz bem o que percebi naquele momento, “uma seqüência de acústica que podem assumir diferentes sentidos”, desse modo o significante não é um efeito de sentido, mas ele é responsável por pacificar, adormecer ou despertar.

Mas como se dá esse caminho quase “auto-determinante” do significante? De início, precisamos compreender que ele não funciona por si só, ele não existe isolado, o que interessa para Lacan, depois do seu “retorno a Freud”, é que o psiquismo inconsciente é estruturado por meio de uma cadeia de significantes, semelhante aos sonhos, sendo assim um significante é remetido a outro (ZIMERMAN, 1999).

Ele jamais se expressa de forma isolada, ele sempre se sobressai em relação aos outros, visto que não se concebe significante fora da cadeia. No caso do signo, ele pode ser encontrado na cadeia significante, o signo nada mais é que um significante desencadeado, que buscará elaborar uma nova cadeia que lhe faça sentido, ou seja, uma nova interpretação objetivando encadeá-lo outra vez (TEIXEIRA, 2006)

Um exemplo pode vir do filme a Bússola de Ouro (2007), dirigido por Chris Weitz, que conta a história de uma menina que tem o poder de interpretar as orientações indicadas por uma bússola dourada. Qualquer pergunta que a garota faz, a bússola oferece a resposta correta. Sendo que, a forma que a bússola tem para responder, é apontando para símbolos, e através da seqüência de símbolos apresentada a garota decifra a resposta de seu questionamento. Um símbolo isolado da bússola não significa nada, mas sua disposição e relação entre seus símbolos possibilitam a elaboração e compreensão da resposta. Nasio (1993, p. 18) afirma que “o significante é, sim, desde que permaneça ligado a um conjunto de

outros significantes: é *Um* entre outros com os quais se articula (...) ao se pensar no significante, nunca se deve imaginá-lo sozinho. (...) um significante só é significante para outros significantes.”

Não adianta outra pessoa perguntar, só quem tem o poder de compreender e decifrar a resposta era a menina, em nosso caso, o paciente. Não podemos ocupar o lugar do suposto saber. Cada paciente tem sua bússola, seus símbolos em seqüência, seus questionamentos e suas próprias respostas a decodificar.

No caso da verbalização, serão os próprios elementos do discurso que assumirão o valor de significantes. “O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é o significante. O significado é efeito do significante.” (LACAN, 1982, p. 47). Então possivelmente, as repetições de R.T expressavam alguma linha simbólica do seu inconsciente, mas que não necessariamente estariam ligadas ao significado gramatical que a palavra “aprovar” propõe, mas ao efeito simbólico que é provocado por esta seqüência de repetição. “todos os acontecimentos que ocupam o lugar do *Um* se repetem, formalmente idênticos, sejam quais forem suas diferentes realidades.” (NASIO, 1993, p. 19).

Chemama (1995, p. 199) afirma que “a própria possibilidade do inconsciente é condicionada pelo fato de que um significante pode insistir no discurso de um sujeito, sem por isso estar associado à significação que poderia importar para ele.” Será através do discurso que a percepção se concatena e elabora uma percepção compartilhada num espaço de intermediação dialética (TEIXEIRA, 2006).

Lins (2007, p. 47) quando tenta traçar um paralelo entre a poesia “*Eu*” de Álvaro de Campos (um dos heterônimos de Fernando Pessoa) e a estrutura de um psicótico, afirma que “O indivíduo, por meio de suas expressões artísticas (escultura, pintura, poesia...), é capaz de reproduzir seu mundo interior, seus desejos, anseios e frustrações. A arte permite articular o íntimo mais obscuro com a realidade externa”.

Dessa forma, Lacan

“[...] ao colocar, como ponto de partida de sua teoria, que ‘o inconsciente é estruturado como uma linguagem’, e ao propor um trabalho de tipo sintático, que busca captar a cadeia de significantes e não o significado último (vazio), essa corrente psicanalítica nos permite: (1) lembrar que o texto literário é, antes de mais nada, obra de linguagem; (2) abandonar a miragem de uma interpretação última e definitiva; (3) privilegiar a produção do sentido e não a troca enganosa de sentidos plenos prévios; (4) dispensar o biografismo, que confunde indivíduo falante com enunciador” (PERRONE-MOISES, 1990, p. 112).

Assim, a literatura produzida pelo homem explica, da maneira particular de cada autor, o que se passa em seu interior e muitas vezes ele fala o que nós explicamos a partir de casos clínicos e muitos estudos. O próprio Freud “reconhece nas grandes obras literárias a mestria que orienta sua construção teórica associada à clínica” (OLIVEIRA, 2007, p. 159), isto é, a literatura está intimamente ligada com a psicanálise, é o que podemos chamar de uma das interações possíveis da psicanálise com outras ciências.

Quer dizer, por um lado, parece estabelecer-se entre a Literatura e a Psicanálise uma relação *aditiva* em que se tenta acrescentar sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica e por outro, vislumbra-se uma atitude que poderíamos chamar de *extrativa*, interessada em tentar resgatar do texto literário a particularidade que pudesse nutrir a psicanálise. (VILLARI, 2002, p. 21)

Isto nos evoca as palavras do escritor alemão e prêmio Nobel de Literatura, Herman Hesse (1999, p. 152), no seu texto *Escritos e Escrever*: “Podemos escolher vocábulos diferentes, construir e entrelaçar de modo diverso as nossas frases, as nossas frases ordenar e aplicar de outro modo as cores na paleta, pegar o lápis macio ou o mais duro – sempre há apenas uma coisa a dizer, o antigo, o tantas vezes dito, o tantas vezes tentado, o eterno”, observamos que seu relato muito se aproxima com o conceito de significante.

Bellemin-Noel (1978, p. 13) afirma que:

A escritura das grandes obras não poderia ser assimilada à transmissão de uma mensagem dotada de um único sentido evidente. As palavras de todos os dias reunidas de uma certa maneira adquirem o poder de sugerir o imprevisível, o desconhecido; e os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente ‘eles não sabem’. O poema sabe mais que o poeta.

Retomo a expressão “seqüência acústica” utilizada por Chemama, que me faz lembrar o conceito da figura de linguagem Anáfora que “consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de vários versos” (NICOLA, 1997, p. 431), utilizado para dar ênfase e coesão ao texto. Podemos citar como exemplo o poema *A Estrela*, de Manuel Bandeira (1940, grifos nossos).

*Vi uma estrela* tão alta,  
*Vi uma estrela* tão fria!  
*Vi uma estrela* luzindo  
 Na minha vida vazia.

Anáfora também é compreendida como uma maneira de organizar o escrito, que se repete em espaços regulares, ou por uma frase, ou por expressões e palavras. Como exemplo, este trecho de Oswald de Andrade (2002, p. 153): “São cinco *horas* da tarde, *hora* elegante, *hora* do chá inglês que o mundo adotou, *hora* clara em que estão presos todos os demônios e atadas as mãos das feiticeiras e dos elfos”.

Estas repetições não acontecem por acaso, elas tem um sentido, uma lógica, que nos permitem compreender o que o poeta pretendia transparecer, no caso dos versos de Oswald de Andrade, a palavra *hora* tem vários sentido, mas tudo gira em torno da hora, palavra. Na prática clínica, a poesia será o discurso do psiquismo do paciente, e estas repetições formarão um sentido, logo, um significado.

O princípio de cura analítica definido por Freud como experiência de palavras antecede o aforismo lacaniano de que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem, contribuição de 1951, porém depois será revista nos anos 70 a partir da teorização sobre o gozo (MIJOLLA, 2005).

Kristeva (2007) nos faz pensar em três modelos freudianos de linguagem. A partir dos primeiros textos de Freud *Contribuição à concepção das afasias* (1881) e *O nascimento da psicanálise* (1885), temos o primeiro modelo que é o assintótico, no qual há a hipótese da inadequação e o desequilíbrio entre o sexual e o verbal. Não há um encontro entre a representação inconsciente da coisa e a representação inconsciente da palavra. Esta falha que causa os sintomas, sendo assim, é preciso de um intermediário, uma outra linguagem, “falar em psicanálise”.

O segundo modelo, o otimista, aparece junto com a cura no divã e a invenção da regra fundamental da psicanálise “fale tudo o que vier à mente”, a partir da *Interpretação dos Sonhos* (1900), considerado por Freud como sendo o mais importante de todos os seus livros, no qual pretendia que sua grande descoberta fosse associada ao início de um novo século. Este modelo aproxima-se da estruturação do inconsciente proposta por Lacan e o inspira a formular sua teoria. Porém, para Freud a linguagem é do pré-consciente e implica uma ação e os substratos inconscientes são os fantasmas.

A partir de 1912, com os textos *Totem e tabu* (1912), *Sobre o narcisismo* (1914), *Além do princípio de prazer* (1920), podemos observar que o terceiro modelo de linguagem é influenciado pelo viés da transferência. Surge o paradigma do significante que se revela acessível através do manejo da transferência. De uma parte, a fluidez das instâncias tópicas favorece a resistência e os remanejamentos das catástrofes psíquicas. A escuta e a interpretação faz-se a partir da análise da função paterna



A importância que a linguagem tem nessa compreensão, nos remete ao trecho Bíblico que se fala “Disse Deus: Haja Luz”, esse verbo ‘dizer’ vem da palavra ‘bara’ do hebraico, que significa um verbo que tanto é pronunciado quanto executado simultaneamente, ou seja, quando o Deus Bíblico pronunciava as coisas aconteciam, isto é, uma palavra criadora. Acredito que pode se fazer uma comparação com a linguagem humana, pois as redes de discurso não só apenas comunicam, mas transformam e criam, a palavra é verbalizada e construtora, e guiada por uma lógica psíquica, mas não racional. Então, poderíamos dizer que se  $A=B$  e  $B=C$ , logo  $A=D$ , não haveria um resultado incoerente, mas há uma lógica por trás disso tudo, ainda não compreendida pelos signos, mas que o resultado não se torna errado ou mal calculado.

São duas lógicas em questão, a do inconsciente com uma linguagem que remete à estrutura do próprio inconsciente, esta se subjeta à da língua (NOVAES, 2006), esta segunda língua que, de acordo com Carlos Fuentes (2005, p. 3), “é a base da cultura, a porta da experiência, o teto da imaginação, o porão da memória, o quarto do amor e, acima de tudo, a janela aberta para o ar da dúvida, incerteza e questionamento”, isto é, tudo aquilo que o sujeito está inserido, mas que foge a lógica da psique humana.

Nesse momento, destacamos a função do sujeito como (des)organizador da compatibilização destas duas lógicas. Pois tanto os significantes como os significados não podem ser manifestos sem o funcionamento da função sujeito. Luciano Elia (1995, p. 16-17) afirma que “a experiência psicanalítica, uma vez colocada em operação através da instalação do dispositivo freudiano da associação livre, produz as condições de emergência do sujeito do inconsciente, justamente através da repetição e da transferência e cria as condições de produção das chamadas formações do inconsciente”.

Cabe ao terapeuta estar atento à expressão da singularidade deste sujeito, por meio de suas verbalizações e associações livres (que de livre não tem nada). Quanto a R.T,

não tive como verificar que sentido tinha suas repetições de “aprovação”, ou se até mesmo essa cadeia de palavras realmente formava uma lógica psíquica de significante, poderia cair no erro de fazer elucubrações preconceituosas e esquemas de causa e efeito, até por que, como respondeu Freud “um cachimbo às vezes é apenas um cachimbo” e comparou o relato de um caso clínico com a construção de um quebra-cabeça infantil, onde cada peça é um pedaço da história do sujeito e explica seus sintomas. Aqui apenas algumas peças tentam formar uma figura.

Segundo Teixeira (1996, p. 113), para Lacan, fumaça não precisa ser o signo do fogo, mas pode ser o signo do fumante. “E quem cala nem sempre consente, o silêncio é muitas vezes signo do não.” Desse modo, a representação do signo não é única, seu real valor é expresso quando ele está imerso numa cadeia que cada indivíduo criou em seu redor. A palavra então funciona como rótulo do real significado, produto do significante. Como diz a música “Sonho de uma flauta”, de Fernando Anitelli, compositor e cantor do grupo Teatro Mágico: “Pois nem toda *palavra* é aquilo que o *dicionário* diz”.

Por fim, apresento o poema *Trem de ferro* de Manuel Bandeira (1936). Ao lermos, percebemos que o que dá sentido a sua interpretação é a seqüência de suas palavras (signos), a repetição e o ritmo (significante), fazendo uma alusão ao trem em movimento (significado).

*Trem de ferro*

Café com pão  
Café com pão  
Café com pão

Virgem Maria que foi isto maquinista?

Agora sim  
Café com pão  
Agora sim  
Café com pão

Voa, fumaça  
Corre, cerca

Ai seu foguista  
Bota fogo  
Na fomalha  
Que eu preciso  
Muita força  
Muita força  
Muita força

Oô..  
Foge, bicho  
Foge, povo  
Passa ponte  
Passa poste  
Passa pato  
Passa boi  
Passa boiada  
Passa galho  
De ingazeira  
Debruçada  
Que vontade  
De cantar!

Oô...  
Quando me prendero  
No canaviá  
Cada pé de cana  
Era um oficia  
Ôo...  
Menina bonita  
Do vestido verde  
Me dá tua boca  
Pra matá minha sede  
Ôo...  
Vou mimbora voou mimbora  
Não gosto daqui  
Nasci no sertão  
Sou de Ouricuri  
Ôo...

Vou depressa  
Vou correndo  
Vou na toda  
Que só levo  
Pouca gente  
Pouca gente  
Pouca gente...

## REFERÊNCIAS

A BÚSSOLA de ouro. Direção: Crhsi Weitz. Produção: Bill Carraro e Deborah Forte. Interpretes: Nicole Kidman, Daniel Craig, Dakota Blue Richards, 2007.

ANDRADE, Oswald. *Um homem sem profissão*. 2ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2002.

BANDEIRA, M. (1936). “Trem de Ferro”. In: *Estrela da manhã*. Disponível em <<http://www.revista.agulha.nom.br/manuelbandeira04.html>> Acesso em 10 de janeiro de 2009, às 16h05min.

BANDEIRA, M. (1940). “A Estrela”. In: *Lira dos Cinquenta Anos*. Disponível em <[http://www.letraslivros.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=294&Itemid=83](http://www.letraslivros.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=294&Itemid=83)> Acesso em 10 de janeiro de 2009, às 16h55min.

BELEMIN-NOËL, J. *Psicanálise e literatura*. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nittrini. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ELIA, L. *Corpo e sexualidade*, Rio de Janeiro, Ed. Uapê, 1995.

FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. vol. 4 e 5. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FUENTES, C. “O elogio da incerteza”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 9 out. 2005. Caderno Mais.

HESSE, H. *Felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. Record. 1997.

KRISTEVA, J. “Parler en Psychanalyse”. In: *Conferência no Congresso Psy da Societé Psychanalytique de Paris*, maio de 2007. Disponível em <[http://www.kristeva.fr/Julia\\_Kristeva/Parler%20en%20psychanalyse.html](http://www.kristeva.fr/Julia_Kristeva/Parler%20en%20psychanalyse.html)>. Acesso em 25 de janeiro de 2008, às 16h20.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

\_\_\_\_\_. (1972-1973). *O Seminário: Livro 20*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1982.

\_\_\_\_\_. (1961-1962). *El Seminario: Libro 9 – La identificación*. (inédito).

LINS, S. “Psicose – diagnóstico, conceitos e reforma psiquiátrica”. In: *Mental: Revista de Saúde Mental e Subjetividade da UNIPAC*, Barbacena: UNIPAC, v. 4, n. 8, 2007, p. 39-52.

MIJOLLA, A. (dir.) *Dictionnaire International de Psychanalyse*, Paris: Calmann Lévy, 2005.

NASIO, J. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

NICOLA, J. e INFANTE U. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

NOVAES, M. “A letra e o significante-nome próprio na psicose”. In: *Rev. Depto. Psicologia da UFF*, jan/jun, vol.18, no.1, 2006, p.87-105. ISSN 0104-8023.

OLIVEIRA, J. S. *O Enigma da morte em Machado de Assis*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

PERRONE-MOISÉS, L. *Flores da escrivania: ensaios*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

SAUSSURE, F. (1916). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix. 1995.

TEIXEIRA, A. “Entre signo e significante: a esquizofrenia incipiente segundo Conrad”. In: *Rev. Depto. Psicologia da UFF*, jan./jun. vol.18, no.1, 2006, p.107-116. ISSN 0104-8023.

VILLARI, R. *Literatura e psicanálise: Ernesto Sábato e a melancolia*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

ZIMERMAN, D. *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed. 1999.

### A=D: THE SIGNIFICANT

#### ABSTRACT:

The lacanian concept of significant is a part of the interpretation in psychoanalytic clinics. To get to this word, Lacan did a re-reading on Freud's texts and articulates it to Saussure's Linguistics. The significant is pre-existent in the subject, and its meaning of speech is directly related to the opposition relationship of a significant to another. The analytical listening aims at establishing a relationship among the significant that the subject does, as well as the own effect that it gives to its speech. Therefore, this article has the goal of correlating the concept of significant and its expression through films, literature and linguistics, once that the many interactions of psychoanalysis with other sciences makes it more interesting and understandable.

**KEYWORDS:** Significant. Literature. Analytical listening.

### A=D: LE SIGNIFIANT

#### RÉSUMÉ:

Le concept lacanien du signifiant fait partie de l'interprétation dans la clinique psychanalytique. Pour parvenir à cette fin, Lacan a fait une relecture du texte de Freud et il a pu l'articulé à la Linguistique théorisée par Saussure. Le signifiant est préexistante au sujet, et le signifié de la parole du sujet est directement lié à la relation de l'opposition d'un signifiant à l'autre. L'écoute analytique vise établir un lien des signifiants de la parole du sujet, comme aussi le propre effet du discours en relation aux signifiants. Ainsi, le présent article vise faire le lien entre le concept de signifiant et l'expression par le biais des films, de la littérature et de la linguistique, en sachant que les nombreuses interactions de la psychanalyse avec les autres sciences l'a fait plus intéressant et plus compréhensible.

**MOTS-CLÉS:** Signifiant. Littérature. Écoute psychanalytique.

Recebido em 02/02/2009

Aprovado em 20/04/2009

© 2009 *Psicanálise & Barroco em revista*  
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura  
Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos  
Juiz de Fora, MG - Brasil  
Tel.: (32) 2102 3117

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

[www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)